

RÚSSIA-UCRÂNIA: A GUERRA DE DESGASTE

Por Gabriel Camilli*



Policial inspeciona uma bomba não detonada de 250 kg após ataque aéreo russo no armazém agrícola de Bilyi Kolodiaz, região de Kharkov, Ucrânia, 11 de julho de 2024 (Andrii Marienko/Associates Press).

É muito claro que aqueles que têm interesses econômicos na continuidade da guerra só podem ter uma ambição perversa, baseada na morte de milhares de pessoas.

Na Ucrânia e em Gaza, há duas guerras em curso que parecem não ter fim.

Ao contrário da guerra na Palestina, a guerra russo-ucraniana não pode ser considerada uma guerra sem fim. Na verdade, tem um propósito bem identificado que, realisticamente, pode ser alcançado com uso da força ou da diplomacia, se no final não for decisiva. Para a Rússia, trata-se de restabelecer seu próprio espaço de vida e, ao mesmo tempo, enviar um sinal claro ao mundo, mas também em nível interno, de que já não está disposta a aceitar transferências de soberania.

Para Kiev, porém, trata-se de se libertar de uma vez por todas do jugo de seu enorme vizinho. Estes dois objetivos, embora opostos, trazem o conflito russo-ucraniano para o domínio do possível ou, para colocá-lo em termos Clausewitzianos, para o domínio da continuação da política por outros meios.

CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE

O mesmo pode ser dito do conflito palestino-israelense? Acreditamos que é mais difícil porque, de um lado, o Hamas e a diáspora palestina em geral proclamam e

perseguem o objetivo de cancelar o Estado de Israel, para ser substituído por uma Palestina “do mar (o Mediterrâneo) ao rio (o Jordão)”. Por outro lado, Israel parece perseguir um objetivo diametralmente oposto, o de um Israel maior, no qual a questão palestina tenha sido resolvida “de alguma forma (ninguém sabe como), permitindo finalmente que Israel saia do estado de guerra permanente que o país vive desde julho de 1949.” Ambos os objetivos são absolutamente inatingíveis e isto faz desta guerra um conflito infinito, porque sem um objetivo alcançável está condenada a não ter fim.

Nos últimos dias temos visto como a área está superaquecendo e é muito provável que se espalhe para os territórios do norte de Israel ou do sul do Líbano.

Por outro lado, como temos desenvolvido nesta coluna, a guerra continua no Leste Europeu. Assim, nas ricas planícies ucranianas estamos assistindo a uma guerra travada em dois diferentes níveis.

O primeiro, o mais óbvio, envolve a República Ucraniana em seu esforço vital para se libertar de uma vez por todas do espaço ex-soviético ou, pelo menos, russo e, portanto, tentar se aproximar daquele Ocidente ao qual, pelo menos na sua parte ocidental, pertenceu por um período de tempo.

O segundo nível, muito mais importante, é o de um confronto direto entre os Estados Unidos e seus aliados e a Federação Russa. O objetivo deste nível de guerra, pelo menos por parte de Washington, é frustrar ou pelo menos limitar qualquer possível recuperação da Rússia que, de alguma forma, a devolva à condição de potência de primeiro nível, sem causar o muito perigoso colapso do espaço russo e talvez a dissolução da própria Federação em uma constelação de repúblicas com nome indefinível, por enquanto, com a particularidade de quase todas elas estarem equipadas com armas atômicas.

Uma vez considerados estes dois níveis, é fácil compreender como a natureza, a quantidade e mesmo o calendário da ajuda ocidental a Kiev estão subordinados à realização dos objetivos do segundo nível, o internacional – ao qual a defesa da pátria ucraniana é apenas subordinada (e secundária).

Em suma, armar Kiev o suficiente para torná-la um inimigo difícil para Moscou, mas sem dar a Zelensky uma oportunidade concreta de prevalecer. Desta perspectiva, o apoio ocidental não mudou muito desde o início da guerra, exceto em um sentido de deterioração. Menos materiais, menos armas, menos munições e em prazos cada vez mais longos.

Por outro lado, os russos têm ou lideram seu próprio ritmo que, segundo a opinião do Ocidente, é visto como lento, preferindo manter uma pressão constante ao longo de toda a frente na esperança de, quem sabe, mais cedo ou mais tarde causar o colapso do Exército ucraniano e com ele da liderança de Zelensky.

GUERRA DE ATENÇÃO

A Rússia tem travado uma guerra contínua de desgaste há mais de um ano. O apoio ocidental na vigilância do campo de batalha e a inteligência altamente

desenvolvida e eficiente protegem as forças ucranianas de qualquer possível surpresa que vá além do simples nível local. Em outras palavras, Moscou não pode realizar secretamente aquelas grandes concentrações de homens, meios e materiais que são indispensáveis para a realização de avanços locais e a subsequente exploração do sucesso em profundidade. Há um enorme desgaste de tropas e materiais que Kiev não será capaz de sustentar para sempre. Deste ponto de vista, não vemos grandes limites para Moscou continuar nesta linha, especialmente agora que todo o aparelho industrial foi convertido para a produção de guerra e que o recrutamento de novos soldados não encontra problemas graves na Rússia.

Entretanto, ocorrem acontecimentos políticos importantes nos dias de hoje que terão impacto nestes conflitos em desenvolvimento, a se levar em conta. O primeiro: as eleições europeias já ficaram para trás e, com elas, a tão alardeada questão da defesa europeia parece ter ficado também para trás. A atual estrutura da União Europeia não permite que este “consórcio de nações” seja equipado com um verdadeiro exército. Na realidade, um exército defende uma política e um território e a Europa não tem nem um nem outro. No entanto, isto não significa que a União não terá de assumir a “questão ucraniana”, mais cedo ou mais tarde, especialmente se os Estados Unidos decidirem reduzir seu envolvimento. Este último aspecto não é de todo improvável no caso da eleição de Donald Trump, que fez do reduzido compromisso americano com a Europa um dos seus cavalos de batalha eleitoral. A Europa pode sustentar isso? Existem realmente interesses que podem ser definidos como “europeus”? Alguns veem interesses alemães, italianos, espanhóis, poloneses, etc., interesses que muitas vezes estão em conflito entre si e por vezes nem sequer são percebidos como tal.

O segundo: Reino Unido. A BlackRock escolheu “Trabalhistas”. Isto vem fermentando desde 2017 e finalmente culminou em uma vitória esmagadora do Partido Trabalhista pró-financismo. Primeiro, expurgaram o Partido Trabalhista de Jeremy Corbin, que expulsaram, e refizeram o Partido Trabalhista para BlackRock, as finanças da *city*. Depois inseriram Sunak nos Conservadores para demolir o partido, dividir o eleitorado em seis grupos e assim deixar vencer o novo “Trabalhismo” financeiro. Instalaram assim o partido imigracionista mais extremista, o que tem as ideias mais avançadas, etc. mas, no entanto, também 100% fiel às finanças e à BlackRock. “Starmer obtém apoio do chefe bilionário da BlackRock: ‘Oferece esperança à política britânica’”. Larry Fink, um dos financiadores mais influentes do mundo, diz que o líder trabalhista “demonstrou verdadeira força”.

Aqui parece que ninguém sabe nada sobre o que aconteceu no Reino Unido nos últimos anos. E os argentinos, devem estar atentos aos acontecimentos da usurpação do poder colonial das suas Ilhas Malvinas e do Atlântico Sul.

O terceiro: a Hungria assumiu a presidência rotativa do Conselho da União Europeia em 1º de julho e em oito dias Viktor Orbán conseguiu se reunir com Zelensky em Kiev (2 de julho), Putin em Moscou (5 de julho), Xi Jinping em Pequim (8 de julho) e em seguida ir à cúpula da OTAN em Washington (9 a 11 de julho). Um *tour de force* diplomático que pode trazer outras surpresas, se Peter Szijjarto, ministro dos Negócios Estrangeiros húngaro, tiver razão – ele aconselhou os

políticos europeus a “apertarem os cintos e acompanharem de perto” os próximos passos no âmbito da “missão de paz” de seu primeiro-ministro. Orbán, em suas difíceis tentativas, propõe: fazer a paz (negociada ou mesmo apenas uma trégua) e depois discutir. E conversa sobre isso com todos. Com a Rússia de Putin, que não foi convidada para a Conferência de Paz na Suíça. Está conversando com a China de Xi Jinping, que o Ocidente considera decisiva no apoio à Rússia, mas não quer que tenha influência no processo de regulação de conflitos. E obviamente com a Ucrânia de Zelensky e com os Estados Unidos de Joe Biden.

A Hungria não é o único país que tem interesses econômicos ligados à guerra na Ucrânia. E é bastante claro que aqueles que têm um interesse econômico na continuação da guerra só podem ter um interesse perverso, baseado na morte de centenas de milhares de pessoas. A única consideração estratégica real é que parar a guerra resulta no interesse de todos. O resto é tática.

Resumindo: nas esferas da grande política existem movimentos importantes que devem ser observados com atenção.

Mas, para a Rússia, o *modus operandi* não muda: elevar a barra do confronto para cancelar, proibir e destruir infraestruturas críticas e empurrar os ucranianos para uma posição difícil depois do verão. É uma estratégia de desgaste longa e consciente que anda de mãos dadas com os avanços mais tímidos no campo de batalha. E pretende saturar as defesas aéreas de Kiev, sob pressão crescente. Pelo menos até que cheguem preciosos suprimentos ocidentais, que dos céus poderão ser capazes de impactar diretamente as forças de Moscou.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
